

O início do caminho não é o fim da picada!

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

Trabalho apresentado:
FLEURI, R.M. **O início do caminho não é o fim da picada!**
Motrivivência. v.7, p.129-134, 1993.

Resumo

Intitulado jocosamente *O início do caminho não é o fim da picada!*, o artigo retrata reflexões feitas sobre a questão do método na pesquisa em educação popular e seu processo de construção teórico-prática, focalizando particularmente a experiência do *medo* nas relações humanas e sociais originárias do conhecimento.

**ap1995_MOTRIVIVENCIA_FLEURI_O inicio do
caminho.doc 04/04/2011 06:01:00 PM**

O início do caminho não é o fim da picada!

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri¹

Método significa 'caminho para chegar a um fim'. Aliás, em grego, *caminho* se diz pela palavra *ódos*; e o prefixo *metá*, em grego, indica 'além', 'transcendência' (Dicionário Aurélio). Assim, etimologicamente, o termo *método* implica em duas idéias: a de caminho, *meio* para se atingir um *objetivo*, que nos conduz a ir *além* da situação presente².

O poeta Antonio Machado escreveu: *caminante, no hay camino. El camino se hace al andar!*

O caminho se faz ao andar. Isto quer dizer que os caminhos são construídos por pessoas que se movimentam em busca de seus objetivos. Há os caminhos já consagrados pelo repetido uso (verdadeiras auto-estradas asfaltadas, bem sinalizadas e por vezes congestionadas), que oferecem segurança para se atingir objetivos já definidos. Mas há também veredas pouco trilhadas que conduzem a lugares pouco conhecidos. Como há também lugares desconhecidos para os quais não foram ainda criados caminhos.

Assim a escolha ou construção do caminho depende fundamentalmente dos objetivos, das opções das pessoas. Há os que desejam fazer turismo, usando caminhos e meios seguros para viajar por lugares já bastante freqüentados. Há os aventureiros que desejam conhecer lugares incomuns. Para isso, precisam descobrir trilhas pouco visíveis ou abrir picadas por regiões inóspitas.

Ao nos colocar, portanto, a questão do *método*, é preciso nos perguntar pelos nossos desejos, sonhos, interesses. É preciso escolher, priorizar objetivos. É preciso decidir, começar a

¹ Professor Titular em *Fundamentos Epistemológicos da Educação* no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Poderíamos também associar à idéia de *método* o termo *meta* (vindo do latim *meta*), que significa ao mesmo tempo *baliza*, *limite* e *objetivo*.

dar os primeiros passos. De início, com andar incerto, tateando o solo e buscando pontos de vista que permitam descortinar horizontes, estabelecendo balizas para nos orientar e escolher as direções a seguir. De dia, as referências se encontram na paisagem iluminada; de noite é preciso observar as estrelas. Em terra, é possível balizar os caminhos com sinais físicos, visíveis e palpáveis. Já no mar ou no ar, o sistema de navegação pressupõe uso de instrumentos alegóricos e cálculos.

Às vezes, caminhamos em círculo. Às vezes, nos vemos perdidos. Às vezes vislumbramos saídas.

Ao analisar o sentido da filosofia, enquanto busca da sabedoria, Platão diz que a *busca* implica ao mesmo tempo saber e não-saber. Para nos colocar em busca, é preciso saber um pouco do que queremos. Mas só buscamos conhecer mais por não saber tudo a respeito do que almejamos. Quem se sente *sabido* não tem por que procurar saber. Quem se sente *ignorante* não vê como iniciar a busca de saber³. É justamente a partir do que já sabemos que nos colocamos em busca do que ainda ignoramos.

Daí a importância da comunicação e do convívio entre as pessoas. A troca das angústias, de desejos, das questões e desafios, assim como de experiências e de informações nos possibilitam construir saberes. Ao expor meus desejos e lutas a outros, posso despertar seus desejos, mesmo conflitando ou compondo com eles. Ao comunicar minhas experiências e reflexões, outros podem descobrir nelas informações úteis para resolver os problemas que vêm enfrentando. E vice-versa: preciso me relacionar com os desejos alheios, para alimentar os

³ "Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio - pois já é -, assim como se alguém mais é sábio, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância: no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, nem inteligente, que lhe basta assim. Não deseja, portanto, quem não imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso" (PLATÃO, **O Banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1972. Coleção Os Pensadores, v. III. p. 41).

meus; preciso conhecer o que outros pensam e fazem para cultivar os meios de resolver os problemas que enfrento.

Todavia a comunicação e o diálogo não ocorre como um contato imediato. Dialogamos e construímos relações *mediatizados pelo mundo*, diria Paulo Freire⁴. Ou melhor, construímos o conhecimento na medida em que enfrentamos os desafios e problemas que se nos colocam na vida. Portanto, problematizar a realidade é o passo fundamental para a construção do conhecimento.

Problema, diria Dermeval Saviani⁵, *é uma necessidade objetiva, assumida subjetivamente*. Neste sentido, *problematizar* significa empenhar-se pessoalmente para explicitar e assumir necessidades reais. Ao enfrentar juntos as necessidades sentidas, interagimos, buscando elaborar uma sua compreensão que nos indique pistas para resolvê-las.

Neste sentido, a reflexão e o debate se tornam fecundos quando focalizam problemas que nos desafiam. E, quando conseguimos entender os conflitos que estão à base dos problemas, começamos a vislumbrar pistas e podemos articular ações para resolvê-los. Neste sentido, *a prática é o ponto de partida e a finalidade da reflexão (teoria)*. A prática é também o *critério de verdade* da teoria⁶. Não só no sentido de que a obtenção do resultado esperado de uma determinada atividade

⁴ Ver FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 79.

⁵ No texto *A filosofia na formação do educador* Saviani (in: **Do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez, 1980, p. 17-30) apresenta "a filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta" (p.27).

⁶ Este é o sentido *dialético* da relação entre *teoria e prática*. Cf. VASQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. (Filosofia de la praxis). Trad. Luis Fernando Cardoso. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. 456p. (Série Rumos da cultura moderna, 11). Cf. tb. JARA, Oscar. **Concepção dialética da educação popular**. São Paulo, CEPIS, maio.1985. 34p. (Texto de apoio, 2).

indicaria que a proposta (ou a hipótese) inicial estaria correta. Mas, entendendo *prática* como o conjunto de relações que os seres humanos estabelecem entre si ao transformar o mundo, percebemos que a veracidade ou equívocos de nossas teorias vão se explicitando na medida em que agimos e interagimos com os outros. Em razão disso, reformulamos a compreensão e a orientação de nossas atividades.

A este ponto pensei em escrever sobre os princípios da dialética: contradição, superação, totalidade, etc. (e há uma porção de textos à disposição, que falam disso⁷). Mas, neste momento, saltam-me à mente uma porção de questões, de problemas que se colocam através dos conflitos que enfrentamos nas relações educativas que venho estabelecendo com grupos de estudos na escola, assim como com grupos vinculados a movimentos populares. Está difícil formular, em perguntas, as raízes dos problemas que enfrentamos. Por isso vou escrever, da forma como consigo neste momento, as questões que sinto emergir entre nós:

Unidade e diversidade. Os movimentos sociais surgem como articulação de grupos e pessoas para resolver problemas sentidos por todos. Mas, como é que constroem metas e caminhos comuns, juntando objetivos, ritmos e passos diferentes, sem negar sua diversidade e multiplicidade?

Dominação e exploração. Quando se sobrepõem os interesses ou formas de agir de alguns sobre os de outros, ou quando alguns renunciam a interagir criticamente com os outros, criam-se relações de dominação. E quando o trabalho de outros é utilizado, para beneficiar exclusivamente a alguns, criam-se relações de exploração. Como, então, evitar o surgimento ou

⁷ Ver, por exemplo, LÉFEBVRE, Henri. *Lógica formal / lógica dialética* (Logique formelle. Logique dialectique). Trad. Carlos Néilson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975. 302p. (Coleção Perspectivas do homem, 100).

promover a superação dos mecanismos e dos processos de exploração e dominação?

Isto pressupõe o entendimento de uma questão de fundo, que é a de como a relação humana se configura como *mestre e discípulo, senhor e escravo*.

O conflito aparece não só no *método*, ou seja, nos fins e nos caminhos construídos. Mas sua raiz encontra-se principalmente nos *sujeitos*, nas pessoas e nas *relações* que efetivamente se cultivam.

Nós mesmos, num momento, num contexto, numa dimensão, sentimo-nos construindo a própria subjetividade e intersubjetividade de maneira crítica, criativa, amorosa, solidária. Em outro momento, contexto ou dimensão, flagramo-nos reproduzindo mecanismos e processos de sujeição e a dominação.

Múltiplos fatores podem interferir nesta mudança de sentidos de nossas práticas e de nossas relações. O *medo*, é um fator importante. A fuga, o não-enfrentamento do medo leva à acomodação ao já estabelecido, ao alheio, às decisões já tomadas, ao que já parece seguro e... morto. O enfrentamento do medo, do risco de perda e de morte, possibilita a descoberta do novo, do inusitado, do não estabelecido, do inseguro e ... livre. Quem foge do risco, se submete. Quem enfrenta o risco, liberta-se. É o que diz Hegel, ao analisar a relação entre autoconsciências⁸ e ao descrever a dialética do senhor e

⁸ Na **Fenomenologia do Espírito**" (Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1973, p. 116), Hegel, ao analisar a relação entre "autoconsciências", conclui que "o comportamento das duas autoconsciências se encontra determinado de tal modo que se *comprovam* por si mesmas e uma à outra mediante a luta de vida ou morte. E devem estabelecer esta luta, pois devem elevar a certeza de si mesma de *ser para si* à verdade na outra e nela mesma. Somente arriscando a vida se mantém a liberdade (...). O indivíduo que não arriscou a vida pode sem dúvida ser reconhecido como *pessoa*, mas não alcançou a verdade deste reconhecimento como autoconsciência independente".

escravo. E já dizia a sabedoria cristã: quem não arrisca a própria vida, perdê-la-á; quem a arrisca, salvá-la-á. O texto da Neila, no livro **O sujeito em questão**, também reflete sobre o medo e a produção do conhecimento⁹.

Então, o fundamental na construção do método, é cultivar entre nós a capacidade e a disposição de se arriscar, de assumir e enfrentar os próprios medos, para interagir com outros. E, na relação com companheiros que assumem esta disposição, é possível sentir a própria solidão acompanhada (como canta o cubano Silvio Rodrigues em *Yolanda*). A solidariedade é, pois, o resultado destas opções e destas relações que construímos momento a momento. Da mesma forma que o isolamento egoísta, ou a timidez submissa, é expressão da fuga dos próprios medos que nos atravancam na construção e realização dos próprios desejos.

É justamente esta questão que tento expressar na poesia que aqui retomo, a mó de conclusão:

⁹ "Os medos que nos rodeiam desde a infância e que nos acompanham até a morte, nos trazem pavores que nos impedem de ver, muitas vezes colocada à nossa frente, a possibilidade viva de enfrentá-los. (...) Já é hora de cortar as amarras, rasgar a capa e ficarmos descobertos, deixando que em nós penetre toda a vida que quer penetrar. Já é hora de nos dizermos magos, loucos, feiticeiros, que reinventam o viver a cada dia. Nus, libertemo-nos dos velhos chavões que classificam em macho e fêmea, homem e mulher, direita e esquerda, bichas e machonas, negros e brancos, dominados e dominadores, sem verem as pessoas singulares e subjetivas. E ao nos despirmos destes conceitos e preconceitos, romperemos também com as relações que dominam, que apagam a criatividade, que tecem verdades absolutas, que se reproduzem nas teias da estagnação. Perceberemos que viver é muito mais do que simples existir" (MACHADO, Neila Maria Viçosa. A mágica loucura de viver. In: **O sujeito em questão**. Florianópolis, NUP/CED/UFSC, 1994. p. 21-24).

Medo e carinho

*Meu coração, não sei por que,
bate feliz quando te vê
e os meus olhos ficam sorrindo
e pela rua vão te seguindo
mas, mesmo assim, foges de mim.*

Do que tens medo minha amiga?
Medo de amar e ser amada,
e no amor se perder e levar o amado à perdição?

Mas a dor de se perder no amor é prazer,
felicidade imensa, profunda, única.
A dor da fuga ao medo é sofrimento
amargo, sem esperança, estéril.

Medo todo mundo sente.
Eu sinto, tu sentes.

O medo te toma, te envolve
a todo instante, por todos os lados.
Tudo, todos se tornam
ameaças aos teus desejos e sonhos.

Como numa noite sem lua:
cada vulto de neblina
é um fantasma envolvente
que, porém, se desfaz
ao ser penetrado por teu calafrio.

Como cão bravo:
se dele foges,
te persegue e estraçalha;
mas, se o amestras,

obedece e te protege.

Não fuja ao medo:
ao penetrar no seu coração,
acolhendo no teu ventre suas razões,
vais encontrar o
anúncio do novo,
a coragem, a ousadia
criadora de ti e de mim.

Ah, se tu soubesses como sou tão carinhoso
e muito muito que te quero
e como é sincero o meu amor
não fugirias mais de mim,
não, não!

Meu coração, não sei por que,
bate feliz ...

Florianópolis, 28.abr.1995. Reinaldo Fleuri